

A arte Kaimbé: pinturas corporais e o engajamento jovem na comunidade

Débora Michele de Jesus Kaimbé

A importância da pintura corporal para o povo Kaimbé é a autoafirmação da sua identidade, diante da sociedade tanto indígena quanto a não indígena. Ela pode representar elementos que temos na comunidade e que são importantes e relevantes para o povo, a representatividade pode pertencer a fauna, flora e pontos específicos da aldeia, onde esses elementos servem de inspiração para a criação das pinturas corporais.

A inspiração vem de acordo com a necessidade dos próprios indígenas de se pintarem, onde alguns não tinham o dom da pintura, um deles relata que teve um sonho, “onde um indígena conversa com ele e lhe diz que ele seria capaz de pintar e desenhar os traços, mas que tinha uma condição, de que ele iria pintar sem olhar para quem fosse, sem discriminar ninguém, sem escolha de pessoa”. E nisso ele simplesmente começou a pintar e a ensinar outras pessoas também. Hoje tem muitos jovens que se inspiram nele e começaram a fazer todo o processo para ser um artista de pinturas corporais.



As pinturas do povo Kaimbé eram feitas apenas quando tinha alguma apresentação na aldeia ou fora dela, mas hoje temos parentes usando rotineiramente pinturas como forma de identidade.



No momento da pintura a pessoa tem que estar preparada para o processo, com pensamentos leves e puros: por se tratar de algo importante, respeitoso e por ser também um processo espiritual exige alguns cuidados. As meninas, por exemplo, dependendo do seu estado físico menstrual não é recomendado participar do processo.

Hoje ficou mais fácil disseminar a pintura corporal na comunidade, pois elas estão sendo utilizadas nas escolas como conteúdo, onde os professores de identidade e cultura e língua indígena trabalham fazendo com que as pinturas se tornem mais frequentes e visíveis na comunidade, também trabalhos como revitalização da zabumba, Toré e toantes próprios, antes eram usados de outros povos e hoje com o trabalho da juventude e da escola foi possível escrever e cantar os nossos próprios toantes. Foi também o protagonismo jovem que resgatou os rituais como casamento tribal, Toré e outros rituais internos. O Toré é o ritual mais usado pelo povo Kaimbé e acontece a cada 15 dias na comunidade de Pau-Ferro da Ilha.

As tintas mais usadas são a tinta do jenipapo que dá tonalidade preta e a do urucum que dá tonalidade vermelha. A do urucum é mais usada para festas e ocasiões de alegrias e comemorações. A do jenipapo é mais usada no dia a dia, entretanto ambas as matrizes (frutos e sementes) são encontradas com facilidade na aldeia.



Para a preparação do jenipapo variam de pessoa, alguns fazem ralado e outros moído, o importante é o líquido que vai sair dele, alguns usam com carvão que já dá a cor preta instantânea e outros esperam a tinta apurar bem, não precisando do carvão. O urucum é só machucar e passar no corpo, outros fazem a pasta da tinta.

Pintura da jiboia foi retirada da jiboia, a ideia da sua força e resistência.



Pindoba retrata uma grande importância, pois dela é possível retirar a fibra (imbé) que se usa para fazer artesanatos, trajes como cocá e cataioba, fornecendo fonte de renda para algumas pessoas da comunidade.

Rio da ilha traz a representação da história do povo Kaimbé, a pintura do rio representa um dos principais pontos da aldeia, lugar onde iniciou a retomada do território.

Cruzeiro representa a força da espiritualidade do povo com a fé da Santíssima Trindade.

Breve histórico do povo Kaimbé

O povo Kaimbé, originários da missão da Santíssima Trindade de Massacará, localizado a 32 quilômetros da sede do município de Euclides da Cunha, e a 334 quilômetros da capital, Salvador, estado da Bahia. Uma das primeiras missões a ser instalada no sertão baiano, provavelmente por jesuítas entre 1614 a 1639, nessa época Garcia D'Ávila, senhor da Casa da Torre, opunha-se sistematicamente às missões criando uma série de obstáculos à sua consolidação. Em 1669, a Casa da Torre invade o aldeamento de Massacará e destrói a igreja com o intuito de exterminar o povo Kaimbé.

A missão reuniu indígenas de diversas etnias, que perambulavam pela região, principalmente a Kiriri.

Diante de muitas lutas e cobranças, foi concedido ao povo Kaimbé pelo STF a reintegração de posse da Fazenda Ilha em 13 de março de 1999 e nesse mesmo ano, no dia 7 de dezembro, iniciou-se o processo de desintrusão de todo o território, sendo concluído em 2002.

O povo Kaimbé não detém a sua língua materna, isso mostra o prejuízo cultural que o contato com o não índio causou aos Kaimbé. Não há registros suficientes de termos nativos para concluir sobre a filiação linguística do povo Kaimbé. Contudo, segundo Souza (1996), “palavras isoladas coletadas por Reesink (1977) e Souza (1993) podem sugerir tratar-se de um grupo da família linguística Kariri”.

Recentemente, os jovens da aldeia tomaram para si a responsabilidade de recriar pinturas corporais que ressaltam a nossa fauna e flora e também alguns pontos de referência que temos na aldeia, esse processo foi muito importante para o crescimento e valorização da nossa cultura, uma vez que quase tudo foi arrancado brutalmente do povo Kaimbé.

É imprescindível salientar que a construção de toantes para o Toré (ritual sagrado para o povo Kaimbé) foi primordial para a continuação dessa tradição, que durante muitos anos fomos proibidos de manifestar nossas crenças e tradições, isto é, nossa espiritualidade e cultura.

Os jovens Kaimbé fazem parte de muitos acontecimentos na aldeia, principalmente na questão de festejos, rituais e participações em conselhos e viagens, são jovens promissores que veem na sua ancestralidade uma forma de continuar com a cultura e tradições do seu povo.





Sou Débora Michele de Jesus Kaimbé, 36 anos, professora indígena há 15 anos, concluí meu magistério em uma escola de brancos bem na época da retomada da minha aldeia, isso foi muito difícil, pois era vista como a “índia falsa que roubava a terra dos outros”, mas com o passar dos tempos fui resistindo e me adequando. Concluí o magistério em 2005, com um filho nos braços, no ano seguinte entrei para o corpo discente da escola “Dom Jackson”, mais tarde entrei na 2ª turma do Magistério Indígena, onde passei por várias dificuldades, mas em 2011, consegui concluir mais essa conquista.

Ingressei na 1ª turma da LICEEI (Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena) pela UNEB, mas não pude ir adiante por motivos de saúde. Meu filho, que precisava da minha presença e cuidados, então fiz o papel de mãe e deixei a universidade, tentei vários cursos, mas também não obtive sucesso por questões financeiras, logística, mas a desistência não faz parte da minha essência, então, fiz vários cursos de aperfeiçoamento e formações continuadas na área da educação ofertadas pelos governos.

Até chegar a hora certa, esperei com cautela e nunca deixando de estudar, consegui ingressar em uma universidade particular no curso de Geografia, onde este era meu sonho e hoje estou a três meses de me tornar geógrafa pela Cruzeiro do Sul Virtual e já de olho na pós-graduação em Educação Escolar Indígena. Sou militante nas causas indígenas e procuro sempre estar nas lutas do nosso povo.

As fotos são de: Adilson Anagê Kaimbé, Mayra Kaimbé, Mônica Macedo Kaimbé.
Algumas pinturas são criações de Adilson Anagê Kaimbé